Samantha Mucci

# ACOLHIMENTO AO LUTO

## Guia Prático para Profissionais da Saúde

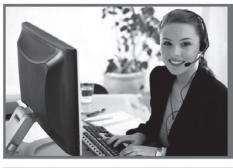


PROALU
PROGRAMA DE ACOLHIMENTO AO LUTO

Atheneu

# ACOLHIMENTO AO LUTO

Guia Prático para Profissionais da Saúde



SAL

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO LEITOR

Tel.: 08000267753

www.atheneu.com.br

(21) 99165-6798 Facebook.com/editoraatheneu Twitter.com/editoraatheneu Youtube.com/atheneueditora

# ACOLHIMENTO AO LUTO

## Guia Prático para Profissionais da Saúde

Samantha Mucci

PROALU
PROGRAMA DE ACOLHIMENTO AO LUTO

Atheneu
Rio de Janeiro • São Paulo
2025

*EDITORA ATHENEU*

| | | |
|---|---|---|
| *São Paulo* | — | *Rua Maria Paula, 123 – 18º andar*<br>*Tel.: (11) 2858-8750*<br>*E-mail: atheneu@atheneu.com.br* |
| *Rio de Janeiro* | — | *Rua Bambina, 74*<br>*Tel.: (21) 3094-1295*<br>*E-mail: atheneu@atheneu.com.br* |

**CAPA:** MKX Editorial – Kadu Barriani
**PRODUÇÃO EDITORIAL:** EBK Projetos Editoriais – Elke Braga Kropotoff

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO**
**SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

M914a

Mucci, Samantha
Acolhimento ao luto : guia prático para profissionais da saúde / Samantha Mucci. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Atheneu, 2025.
il. ; 24 cm.

Inclui bibliografia e índice
ISBN 978-65-5586-853-1

1. Luto - Aspectos psicológicos. 2. Perda (Psicologia). 3. Morte. I. Título.

24-94001

CDD: 155.937
CDU: 159.942:393.7

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

18/09/2024 23/09/2024

MUCCI S
Acolhimento ao Luto – Guia Prático para Profissionais da Saúde

© Direitos reservados à EDITORA ATHENEU – Rio de Janeiro, São Paulo, 2025.

# Seção 1

# Princípios e Conceitos Básicos

capítulo 1

# Os Cuidados com o Corpo e os Rituais Fúnebres

*Maria Silvia Costa Pessoa*

"Portanto, ao cuidar do corpo, cuida-se também da alma..."
*(Jung)*[1]

## Introdução

Este capítulo discorre sobre os cuidados com o corpo nos rituais fúnebres, seus significados e suas funções, considerando a diversidade das manifestações humanas diante da morte.

Sob as lentes da psicologia analítica, apresenta os aspectos arquetípico e simbólico do corpo morto nos rituais de despedida, as diferentes formas de reverenciar a vida e a morte do ente querido e sua função no processo de luto.

Os estudos dos ritos fúnebres, o conhecimento da cultura, costumes e crenças sobre a morte e a conscientização do profissional a respeito de suas crenças e valores sobre o sentido da vida a morte oferecem subsídios teóricos e práticos para lidar com segurança com a realidade das pessoas enlutadas de diferentes culturas.[2]

O rito é um evento de caráter simbólico, pessoal e coletivo, que propicia espaço seguro para a expressão da dor, do pesar e das honrarias ao falecido, assim como um sentimento de pertencimento a uma cultura e a uma comunidade. Ele desempenha um papel facilitador para o enfrentamento da morte, da despedida, da separação concreta e definitiva.[3,4]

As práticas rituais fúnebres se fazem presentes, desde a Pré-História até os nossos dias, passando por mudanças ao longo do tempo, influenciando e sendo influenciadas pelas religiões, mudanças sociais, epidemias, catástrofes naturais, guerras, desastres e tragédias. Elas apontam a necessidade de o indivíduo balizar e ressignificar suas perdas e mudanças, no decorrer da vida.[5,6]

O ritual fúnebre de despedida configura-se num campo simbólico, cuja interação mental e emocional ocorre ao redor dos acontecimentos que se desencadeiam após a morte do ente querido. Ele nos convida a buscar significados além da situação apresentada.

## O Corpo Simbólico

O corpo é a experiência primária no processo de desenvolvimento humano, o primeiro instrumento utilizado para criar formas expressivas de significados, valores e identidade.[7,8]

A psicologia junguiana considera a psique uma totalidade, na qual matéria e espírito se encontram unificados. Jung a descreve como uma circunferência que abarca o consciente e o inconsciente, sendo o ego o centro da consciência e o *self*, o centro ordenador da psique como um todo, incluindo o corpo. A área intermediária entre corpo e psique ele denominou corpo sutil.[1,9,10]

Já o símbolo é a linguagem do inconsciente, uma ponte que possibilita ao indivíduo entrar em contato com conteúdos profundos, sem se perder no caos. Ele somente pode ser compreendido, quando olhado além do que é visto.[11] Em *O Segredo da Flor de Ouro*, Jung escreve: "A ideia do "corpo diamantino", do corpo alento incorruptível que nasce na flor de ouro, ou no espaço da polegada quadrada, é uma dessas afirmações metafísicas. Esse corpo é como os demais, um símbolo de um fato psicológico muito importante, o qual, por ser objetivo, aparece primeiramente projetado em formas dadas através de experiências da vida biológica...".[12]

Os ritos que envolvem os cuidados com o corpo morto estão presentes desde tempos longínquos e se encontram revestidos de inúmeras formas e significados.[13,14]

Os povos do Egito Antigo que acreditavam na vida após a morte se dedicavam ao preparo do corpo mumificado, preservando-o em boas condições para que a pessoa falecida pudesse viver em outro mundo uma vida similar à terrena.

No hinduísmo, há o ritual de cremação. A crença na reencarnação concebe a natureza cíclica da vida e o corpo em sua dualidade física e cósmica. Na morte, o corpo cósmico parte para a nova morada junto aos seus ancestrais, pais e deuses.

No judaísmo, islamismo, cristianismo, o corpo morto, de um modo geral, é considerado importante, sagrado e digno de cuidados especiais, pois está relacionado com as recompensas ou punições divinas.

Bayard[15] descreve os ritos de oblação como uma forma de consagração da separação entre o morto e os vivos, um modo de assegurar ao morto um lugar de pertencimento *post mortem*. Os cuidados com o defunto são caracterizados com solicitude, prestabilidade e delicadeza, e os gestos podem envolver a lavagem do corpo, as vestimentas, sua estetização, sua disposição, seu enterro ou cremação.

## O Corpo Morto

O corpo morto ocupa um lugar central no ritual fúnebre que acontece em torno dele. No momento em que a pessoa deixa de respirar, o rito se inicia, com os procedimentos de cuidados com o corpo até seu destino final. Não há maneiras

corretas de cuidar do corpo morto; assim, elas podem parecer estranhas para alguns e genuínas para outros.[16]

O corpo, tanto em vida quanto na morte, é dotado de ações simbólicas que se conectam com os valores de grupo ao qual pertence. Quando ausente, o processo de luto é prejudicado e pode demandar reparações.

Normandia[17] tece importantes reflexões sobre o impacto prejudicial no processo de luto dos Yanomamis, quando foram impedidos de ritualizar, velar e zelar seus mortos, coletivamente. Para eles, os cuidados com o corpo garantem a passagem definitiva da alma para a dimensão celestial, trazendo alívio e paz para a vida daqueles que ficam.

Silva e Acciolini[18] apresentam uma análise dos processos de estetização do corpo nos rituais fúnebres da sociedade indígena Bororo, nos quais as almas dos antepassados e os heróis míticos são evocados. Esse grupo concebe a morte como desencadeadora de um ciclo de transformações.

A morte é anunciada por meio do choro e gritos dos parentes do falecido. O corpo do morto é envolvido em uma esteira de palha e enterrado provisoriamente em uma cova rasa. Ao atingir o estado de putrefação, começa-se a lavagem dos ossos, os quais são decorados e colocados dentro do cesto funerário, ficando sob a guarda da mãe até o dia do ritual em que será enterrado ou colocado no fundo de uma lagoa. O ritual simboliza a passagem do *status* de *boe* (gente) para *aroe* (alma).

O cuidado com o corpo está associado ao arquétipo da grande mãe, que acolhe e ampara o filho no nascimento e na morte. A constelação desse arquétipo conduz às ações de acompanhar, ver, tocar, cuidar do corpo de seus entes queridos. Esses gestos trazem alento aos enlutados.[19]

No luto, pode ocorrer um ressentimento de não conseguir ritualizar o ato natural de tocar, cuidar e preparar o corpo morto. Esses atos estão ligados aos sentimentos de amparo e proteção.

## Considerações Finais

Para que os rituais atuem como recursos terapêuticos, é imprescindível que o profissional se inteire deles, livre de julgamentos e preconceitos, e se aproxime da situação do enlutado com compaixão e simpatia. Dessa forma, ele poderá ajudá-lo a significar suas perdas.

A privação do ritual de despedida ou mudanças na forma de realizá-lo pode ocorrer em diferentes situações, como doenças, pandemias, catástrofes naturais, atentados e mortes violentas, constituindo um desafio para o profissional, em sua prática clínica. Surge então a necessidade de se reconhecer a situação dos enlutados diante da privação da despedida, conforme sua tradição cultural, ensejando a criação de formas adaptadas e personalizadas possíveis de ritualizações.[2]

Numa cultura que exalta o corpo em certas circunstâncias e o nega em outras, é preciso pensar nas possibilidades e nos limites enfrentados para que o profissional possa auxiliar o enlutado, de maneira espontânea e criativa, a encontrar a melhor maneira possível de se despedir do corpo.

Além disso, o trabalho das pessoas que preparam o corpo morto é muito importante para os enlutados se sentirem acolhidos, ao poderem vê-lo arrumado e cuidado.

Em nossa sociedade atual, enfrentamos algumas questões que merecem contínuas reflexões. Por exemplo, o acesso ao corpo morto do ente querido nas instituições hospitalares, a terceirização dos cuidados com os mortos, a valorização dos profissionais, a tolerância com a morte, o mercado financeiro – o qual explora e fomenta o consumo – e a questão do destino dos corpos e a saúde pública.[20]

Finalmente, vale ressaltar a importância de ritualizar o corpo, expressar os sentimentos pela perda do ente querido, conceder-lhe as deferências adequadas, ultimar o percurso da separação e abrir o caminho em direção à busca do significado para a vida e a morte.

## Referências Bibliográficas


1. Jung CG. Psicologia e Alquimia. Petrópolis: Vozes; 1990.
2. Franco MHP. O Luto no Século 21: Uma Compreensão Abrangente do Fenômeno. São Paulo: Summus; 2021.
3. Amaral ND. Luto em Decorrência da Morte do Genitor pela COVID -19: estudo com contribuições da Psicologia Analítica. [Dissertação de Mestrado]. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo; 2022.
4. Souza CP, Souza AM. Rituais Fúnebres no Processo do Luto: significados e funções. Psicologia: Teoria e Pesquisa. 2019;(35)35412.
5. Gennep AV. Os Ritos de Passagem. Petrópolis: Vozes; 1978.
6. Imber-Black E. Os Rituais e o Processo de Separação. In: Walsh F, McGoldrick M (orgs.). Morte e Família: sofrimento e perdas. Porto Alegre: Artmed; 1998.
7. Mauss M. As Técnicas do Corpo. In: Mauss M. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac Naify; 2003. p. 399-422.
8. Reis MR. O Corpo como Expressão do Arquétipo. Revista Junguiana. Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica. 2002;20:43-9.
9. Jung CG. Natureza da Psique, v. 8/2: a Dinâmica do Inconsciente – Parte 2: Volume 8. Obra Completa. Petrópolis: Vozes; 2000.
10. Nasser YBAN. A Identidade Corpo-Psique na Psicologia Analítica. Estudos e Pesquisas em Psicologia. 2010;10(2):325-38.
11. Jung CG. Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo. Petrópolis: Vozes; 2008.
12. Jung CG, Wilhelm R. O Segredo da Flor de Ouro: um livro de vida chinês. Petrópolis: Vozes; 1986.
13. João MTD. Do Templário ao Funerário no Egito Antigo: o exemplo do Ritual de Abertura da Boca. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH; 2011. São Paulo: ANPUH; 2011.
14. Chagas GF. Rituais Fúnebres no Islã: notas sobre as comunidades muçulmanas no Brasil. Religião e Sociedade. 2015;35(1):121-38.

15. Bayard JP. Sentido Oculto dos Ritos Mortuários: morrer é morrer? São Paulo: Paulus; 1996.
16. Baker CN, Baker SM. The Role of Body Disposition in Making Sense of Life and Death. In: Baker CN, Baker SM. Death in a Consumer Culture. London: Routledge; 2015. p. 237-51.
17. Normandia LC. A Ausência do Corpo. Tempo da Ciência. 2019;26(51):59-72.
18. Silva Júnior J, Acciolini G. O Início da Vida e a Passagem para o Mundo Espiritual: a noção de corpo e pessoa nos rituais de nominação e de morte Bororo. Revista Ñanduty. 2016;4(5):53-72.
19. Pessoa MS. O Casal Enlutado. In: Benedito VLDY (org.). Desafios à Terapia de Casal: olhares junguianos na clínica contemporânea. São Paulo: Summus; 2021.
20. Dobscha S. Death in a Consumer Culture. London: Routledge; 2016.